

Manifestações culturais como forma de resistência do negro brasileiro: Festa da Congada

FREITAS, Madalena Dias Silva¹

A finalidade deste é analisar subsídios da cultura afro-brasileira ligados a elementos das reminiscências africanas, reconhecer a preservação das crenças, dos ritos e da religiosidade do africano da diáspora forçada para o Brasil e evidenciar a preservação da memória que não foi soterrada junto à violência do sistema escravagista, visando perfilhar a cultura como um dos atos de resistência à dominação, bem como elucidar a africanidade presente na festa da congada. Esta festa tem, no ato da coroação do rei, uma representação da entronização do Rei do Império do Congo no centro-africano, observado nos rituais e nas insígnias utilizadas na cerimônia de coroação. A congada, diferentemente de outras manifestações culturais, fundamenta-se na religiosidade e em crenças de tradições africanas e católicas, constituindo-se em um sincretismo que combina símbolos e sentimentos. Nesta linha, afirma Cascudo (2012), bem como Souza (2006), que mesmo sendo a congada uma festa formada pelos negros em terra brasileira, tem uma cosmologia africana que reverencia determinados ritos ligados à ancestralidade dos negros escravizados no Brasil, especificamente os de origem congoleza.

Palavras-chave: **Afro-brasileiro, Congada, Resistência**

A congada: um legado dos congolezes para a cultura afro-brasileira

A congada no Brasil surge compondo um importante elemento cultural afro-brasileiro, servindo para manter e (re-construir) a identidade dos negros. Para (RABAÇAL, 1976). A dança tem como dramatização principal a representação de uma cerimônia de Coroação dos Reis do Congo, um império do centro africano. Souza 2006, argumenta sobre a ressignificação dos ritos da coroação dos reis do Congo no folguedo da Congada, mas não explica a identificação dos africanos trazidos para o Brasil com esses elementos.

O Antropólogo Kabengele Munanga, em SOUSA, (2010), afirma que a festa da Congada é uma encenação teatral afro-brasileira, que formou com os negros escravizados de origem congoleza, vindos do Congo-Angola. Para esses estudiosos das festas dos negros, a congada tem como um dos mais importantes rituais a coroação da realeza, evidência de que esse rito remete a memórias da coroação dos reis no Congo, ritual registrado pelos

¹ Professora do curso de História – Universidade Estadual de Goiás – UEG – Campus Iporá.

portugueses a partir do século XV. Quando esses chegaram a esse Império encontraram uma sociedade centralizada em torno do rei, como os primeiros contatos restringiram à elite governamental do Congo, foi possível registrar as cerimônias de entronização da realeza.

A cerimônia de coroação tinha um forte significado no sistema religioso, sempre feito pelos sacerdotes, tendo forte ligação com a vida social e religiosa. Souza (2006) registra várias maneiras desse rito e faz uma relação com as cerimônias que reaparecem no Brasil nas irmandades e nas festas dos negros.

De acordo com Souza (2006), para entender essa relação da festa no Brasil com o centro africano, é preciso recorrer à história com os primeiros contatos dos portugueses no Congo. As primeiras expedições são registradas em meados do século XV. Nesse período os exploradores tinham como facilitador os padres, cujo objetivo era expandir a fé católica. Assim as elites africanas passam a ser o principal foco, tanto dos expedidores quanto dos católicos, que fizeram questão de conhecer suas práticas culturais e os ritos religiosos. Com a conversão do Mani-Congos² ao cristianismo, os padres passam a participar desse evento.

O interesse dos portugueses em controlar a elite governamental se explica pelo controle que o poder central mantinha sobre o Estado Congolês, haja vista que toda economia ligava a burocracia da realeza, do controle comercial ao pagamento dos impostos. Segundo Pantoja (2000), O Kongo³, no século XV, era exemplo de um estado estruturado e controlado pelo poder central.

O sistema econômico centralizado do Congo favorecia as relações comerciais com os portugueses. Com interesses diferentes, os dois lados tentaram aproveitar da relação. A aproximação entre os dois reinos concretizou com o comércio e com o batismo da realeza.

Na relação entre Congo e Portugal, “O maior interesse dos portugueses era a exploração dos metais, o comércio, principalmente o de escravo. Desse modo, procuraram ganhar prestígio com os governos locais com mimos trazidos da Europa, sabendo que em troca seriam favorecidos no processo de exploração”. (SOUZA, 2006: 53).

² Título dos reis do Reino do Congo na África dos séculos XIV ao XIX.

³ Souza 2006 Congo com “C”, Pantoja 2000 Kongo com “K” Nesse trabalho como a dissertação de mestrado da autor seguiremos a forma escrita por Souza.

A interação entre congoleses e portugueses estendeu para o campo religioso e estes dois povos passaram a compartilhar os rituais e cerimônias festivas, levando a corte congolesa se converter ao cristianismo. Lamber (2001), afirma que a intervenção entre a cora portuguesa e o império do Congo ocorreu com os portugueses se inserindo dentro das tradições da população nativa, além de passar a conhecer a cosmologia dos congoleses passa a atribuir preceitos e ritos ligados ao cristianismo.

A consagração do Rei do Congo recebeu forte influência do cristianismo, tanto na escolha dos reis quanto nos rituais de coroação, ato iniciado com a conversão da corte. De acordo com Souza (2006), estudiosos do Congo apresentam as maneiras de escolha dos reis: eram eleitos entre os sucessores da linhagem da nobreza. Com a conversão ao cristianismo no século XV, o sucessor deveria ser selecionado entre os descendentes do primeiro rei batizado, D. Afonso I. (FREITAS, 2013:30)

A importância da figura do rei no Congo não difere dos reis europeus desse mesmo período, assim, a vida religiosa da realeza influenciava todo estado e as relações estabelecidas com os estrangeiros, pois os interesses dos nobres percorriam a vida econômica e religiosa e influenciava os costumes do povo.

Desse modo, os congoleses da diáspora forçada na “escravidão do Atlântico” tiveram que construir novas identidades e no Brasil utilizaram elementos ligados aos seus ancestrais na África. Desta forma, acredita-se que a realeza vista nas irmandades e nas festas dos negros como a Congada constituirá um elemento de resistência cultural frente às condições em que eram submetidos os escravos. Em qualquer sociedade, cerimônias, ritos, doutrinas e credos definidos pela concepção religiosa ou não, agregam valores determinando as identidades.

Manifestações e resistências

As Congadas no Brasil tornam-se festejo popular, uma das manifestações próprias dos africanos, cujas pertencem aos negros escravizados que conseguiram manter vivas culturas trazidas da África. A manifestação da Congada tem vários ritos, os cantos, os toques, a dança e da própria coroação do rei, todos esses elementos fazem parte de uma cultura reformulada, mas mantendo de certo modo fidelidade à cultura africana.

Brandão (2004) e Souza (2006), assim como Rabaçal (1976), afirmam que a Congada remete a sentimentos comuns dos negros brasileiros que interagem com a festa, que se caracteriza em meio a um sincretismo religioso entre o catolicismo e as tradições africanas “provavelmente foram tradições africanas que estiveram na base da formação das congadas, apesar da semelhança que também tinham com tradições lusitanas”. (SOUZA, 2005:4). Souza reforça ainda que a festa da Congada contribuiu com a organização das comunidades negras na sociedade colonial.

As Irmandades de Pretos foi uma das organizações em que os participantes mesmo de diferentes etnias eram convergidos a uma ressignificação identitária, na qual os anseios de todos tornavam-se comuns. As Irmandades também contribuíram na organização das festas dos negros, a exemplo a festa da Congada que especificamente contribuía nas referências culturais dos negros fora de sua terra, essa reconstrução deve-se ao próprio contexto histórico dos negros trazidos para o Brasil, ou mesmo os nascidos aqui que buscavam fazer alusão à ancestralidade africana.

Borges (2005) afirma que o papel das irmandades, mesmo sendo reguladora do sistema colonial, era também de solidariedade e de caridade, porém o fato é que os negros souberam aproveitar-se dessas organizações e passaram a instituí-las como força na preservação das suas tradições africanas, pois as irmandades gozavam de certa autonomia. São inúmeras as irmandades de pretos criadas nos estados brasileiros que tomaram o propósito de atender às necessidades dos negros e de fortalecer suas lutas de libertação.

A festa é um momento em que homens, mulheres, jovens, velhos e crianças passam por um processo de reafirmação de identidades, no qual as(os) congadeiras (os) demonstram prazer, alegria e satisfação, ao evidenciarem sua tradição e sua fé por meio dos corpos dançantes, das músicas, dos enfeites, das coreografias, de reis e rainhas nos cortejos da congada (SILVA, 2011:11).

É confirmada a importância da Congada no Brasil pelos registros dessa festa em muitos Estados e em todas as regiões, essa festa permanece associada a louvor aos santos católicos, seguindo como centralidade a representação da figura do rei do Congo. Pelo grande

número de componente envolvido nessa festa, leva-nos a crer que essa dramatização perfilou em muitos negros uma manifestação de resistência.

Vale ressaltar que a manifestação da congada tornou-se tradição da oralidade, assim como outras manifestações dos negros ela zelou pelo princípio do conhecimento dos ancestrais, por isso Brandão (2004) e Souza (2006), assim como Rabaçal (1976), reconhecem a festa como um ato dos afro-brasileiros. Defendemos também como um ato de resistência cultural, pois em mais de três séculos de um sistema escravagista perverso, essa festa, mesmo agregando outros valores como católico, manteve sua essência africana, assim concordamos com Souza ao entender a coroação dos reis como uma ressignificação de um ato migrado do Congo para o Brasil.

Reminiscências factuais do período colonial no Brasil fizeram que a terminologia Congo obtivesse um sentido de referencial histórico muito importante para diversos grupos étnicos originais da grande região denominada manicongo, situada na faixa centro-ocidental do continente africano. (BRASILEIRO, 2010:29)

A congada é um tradição passada de geração a geração, uma prática cultural revitalizada por vários séculos. A coroação de um rei para os negros nas irmandades e nas festas representa honra, entusiasmo, reconhecimento e valorização da ancestralidade. “As festas em torno de reis por ocasião da celebração de santos padroeiros, contribuíram para consolidar a identidade das comunidades negras, foram criadas no contexto da escravidão, no interior das irmandades”. (SOUZA, 2006: 316) As Irmandades de negros acabaram sendo um espaço privilegiado para a preservação das culturas e o fortalecimento das identidades.

Ao reconhecer a cultura afro-brasileira, busca-se elucidar as tradições dos antepassados africanos expressas nessa cultura, nesse aspecto a congada é uma manifestação que se dá a partir de uma ressignificação ligada aos elementos da musicalidade, da religiosidade e da expressão corporal africana, a preservação e manutenção das tradições é a mais forte expressão de resistência.

Podemos nos referir à congada de Catalão, formada por vinte e dois ternos de congos. “Moçambiques, Congos, Catupés, Vilões, Marinheiro, Marujeiro e Penacho” são alguns deles.

Para Brandão (2004), os ternos expressam memórias diferentes expostas pela música, vestimenta, cores e forma de se relacionarem entre si e com outros ternos. Essa tradição oportuniza a transmissão dos valores ligados a crenças e costumes, sobrevivendo por várias gerações. A Festa da Congada de Catalão é uma tradição e tem sido um elemento importante na construção da identidade negra, uma vez que é reconhecida por todos como uma festa de “pretos”.

Dentre as formas de resistência do negro brasileiro expressas pelas manifestações culturais além da Congada, consideram-se a capoeira, as religiões de matriz africana, danças, músicas e outros elementos, os quais foram tão importantes quanto as rebeliões, fugas e ataques aos senhores, que marcou o Brasil escravagista.

Mesmo que em determinadas regiões tolerasse aparições culturais dos negros, elas não compunham a cultura brasileira. Em muitos lugares, até o século XIX, muitas manifestações culturais e religiosas eram extremamente proibidas, principalmente em locais que não fossem o nicho habitacional dessa população, nas cidades sempre localizadas em guetos separados dos espaços “apropriados” para os brancos. Madalena (2013) analisando Burke (2010), afirma que a cultura nas diferentes sociedades se constrói de acordo com o modo de vida, ela surge e transforma seguindo as mudanças e continuidades sociais, passando por interações decorrentes dos agrupamentos.

Desse modo, a inserção da cultura africana na cultura brasileira inicia a partir do século XX, em decorrência da necessidade da afirmação de uma cultura da nação brasileira, as manifestações de origem africana como música, dança, rituais e costumes africanos passam a ser absorvidas como uma expressão nacional. Na musicalidade, acompanhando os tambores e outros instrumentos, definiram cantos e danças nas grandes cidades, o samba é inserido nas ruas como uma dança brasileira, Cascudo (2012) refere-se ao samba como uma dança africana consagrada na América portuguesa nos fins do século XIX.

O legado cultural de influência negra na música brasileira é representado em vários lugares, no Maracatu, por exemplo, os instrumentos utilizados são reconhecidos como originários dos negros brasileiros, Cascudo (2012) refere-se à percussão, ao agogô, aos tambores, chocalho e às danças de rua do nordeste brasileiro com a maioria dos participantes

negros, reconhecida como mais um elemento cultural, defendemos como mais uma manifestação composta por negros sendo uma das formas de resistência como a Congada.

Não enumeraremos todos os elementos da nossa cultura reconhecida como cultura afro-brasileira, mas para finalizar, mencionamos a capoeira, como mais um forte legado cultural dos africanos no Brasil, mesmo surgindo em meados do século XIX. Quando perseguidos e reprimidos, os escravos criavam alternativas para manter a prática em lugares inóspitos. Com o aumento da população negra nas grandes cidades brasileiras, a capoeira, que já era utilizada como forma de luta e defesa dos escravos, passa ser claramente uma forma de resistência que em dados momentos impunha medo no opressor. Essa resistência tem dois sentidos: primeiro o de proteção corporal e o segundo como preservação dos elementos de tradições africanas. A liberação legal da prática da capoeira acontece a partir de 1930 com o movimento nacionalista. Porém, com o tempo sobrevém uma apropriação da luta como esporte, mas mesmo assim a sua origem é mantida.

É inegável a influência africana na cultura brasileira, legado de todos aspectos da vida do negro tornou-se fundamental na construção da identidade da nação, a atuação dos povos negros vindos da África não pode ser vista apenas na dimensão econômica, esses homens e mulheres não desapropriaram das suas crenças e costumes, pelo contrário, esses elementos ressignificaram, tornando um elemento de resistência, responsável pela preservação das tradições, definindo não apenas a identidade brasileira, mas a própria identidade negra.

Durante os primeiros séculos da escravidão, os olhares para os negros eram restritos ao cativo, mesmo assim o negro foi capaz de ultrapassar as barreiras culturais, impondo suas tradições no leque de elementos que formavam a vida cultural no Brasil, tanto que no século XIX as lutas e revoltas eram fortalecidas além das lutas físicas, pois em todo canto estavam presentes características das crenças e festividades próprias dos negros, isso pode ser mensurado nas festas populares vistas no mundo rural e urbano e nas organizações das irmandades de pretos.

Entendemos que as resistências pela cultura fazem o negro brasileiro de hoje, fortalecer a sua identidade, valorizando a negritude e impondo respeito. Vale-se do que consolidou como característica própria, mesmo com tantos enfrentamentos contra uma

sociedade que mesmo usufruindo de tudo que foi “doado” pelo negro no Brasil, ainda sim negou direitos e liberdades. Devemos reconhecer que a cultura negra tornou um alicerce da sociedade brasileira, pois para se consolidar teve que abrir espaço para o reconhecimento das tradições africanas no Brasil.

Referências

BORGES, Maria Célia. **Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Schwarcz, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo: Símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: UFG, 2004.

BRASILEIRO, Jeremias. **Cultura afro-brasileira na Escola: O congo em sala de aula**. Icone. São Paulo, 2010.

CASCUDO, Luis Câmara. **Dicionário do Folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2012.

FREITAS, Madalena Dias Silva. **Memória, tradição e cultura negras: a congada em caiapônia-goiás – Goiânia-GO**. Dissertação de Mestrado Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2013.

LAMBER, Jean-Marie. **História da África Negra**. Goiânia: Kelps, 2001.

PANTOJA, Selma. **Nzinga Mbandi mulheres, guerra e escravidão**. Brasília: Thesaurus, 2000.

RABAÇAL, Alfredo João. **As Congadas no Brasil**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

SILVA, Vívian Parreira. **Do chocalho ao bastão: processos educativos do terno de congado marinheiro de São Benedito – Uberlândia-MG**. Dissertação de Mestrado Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2011. Disponível em <http://www.processoseducativos.ufscar.br/dissVPS2%20.pdf>. Acesso em outubro 2016.

SOUSA, Luciana Pereira de. **Negros em festa: as congadas na cidade de Goiânia – Go. IX semana de História**. Anápolis: UEG, 2010.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil escravista: História da Festa do Coração do Rei do Congo** (1ª reimpressão). Belo Horizonte: UFMG, 2006.